

A EMOÇÃO NA INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL – NA PERSPECTIVA DE HENRI WALLON.

CAROLINA DA SILVA LOPES (UNESP - FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA - PRESIDENTE PRUDENTE).

Resumo

Este trabalho é fruto de uma pesquisa em andamento que tem por objetivo aprofundar no estudo do desenvolvimento da relação professor–aluno, bem como suas manifestações e consequências; investigar se o professor de Educação Infantil da Pré–Escola (crianças de 3 a 5 anos e 11 meses) percebe as emoções em seu cotidiano na sala de aula e também como vê sua importância para o desenvolvimento da criança pequena. Esta pesquisa tem caráter qualitativo e se dará por meio da observação de uma sala pré–escolar em uma Instituição de Educação Infantil na cidade de Presidente Prudente. A sala de aula é considerada pela teoria walloniana uma grande oficina de convivência, em que o professor é o responsável pela intermediação das relações, necessitando desenvolver em si, o controle de suas emoções e tornando–se capaz de ter a clareza sobre elas, como funcionam e como ministrá–las em si e no outro. Pela grande dificuldade de interpretar as emoções, professores se tornam mais suscetíveis ao contágio, e conseqüentemente passam a fazer parte de um grande circuito. Assim, se faz imprescindível que o professor conheça o fenômeno emocional para conseguir quebrar o circuito perverso, pois uma vez instaurado, o sujeito torna–se mais vulnerável à ampliação das reações afetivas. Para amenizar a crise emocional os professores precisam ter acesso aos mecanismos que reduzam a emoção ou os deixem menos suscetíveis a ela. A emoção necessita de platéia, ignorar sua dramatização é uma forma de fazê–la sucumbir à razão. Possibilitar as relações afetivas em sala de aula é função pedagógica. Os resultados desse trabalho são parciais e se encontram em processo de investigação. Posteriormente serão categorizados e analisados segundo o referencial de Henri Wallon.

Palavras-chave:

emoção, relação professor–aluno, educação infantil.

INTRODUÇÃO

Não é de hoje que a denúncia em relação ao esquecimento de estudos que abordem a afetividade existe; porém, os trabalhos existentes apontam também que as análises das dimensões cognitivas, afetivas e motoras do funcionamento psicológico são concebidas separadamente.

A escola desconhece as relações entre os aspectos afetivo, motor, pessoal e cognitivo, limitando-se somente ao último aspecto.

Nos últimos anos, a escola tem sido alvo para estudos sobre o desenvolvimento afetivo da criança, uma vez que a atividade intelectual, vista de maneira isolada, tem recebido maiores destaques também nas discussões acadêmicas.

No entanto, o tema afetividade não é um assunto novo, nunca estudado anteriormente. Henri Wallon (1879-1962), nascido na França, em 1925 já se destacava com sua obra, pela “preocupação em investigar o ser completo, isto é, em sua unicidade psico-biológica cujo estudo compreende uma análise genética das

relações entre o biológico e o social na formação do indivíduo” (ALMEIDA, 1994, p. 239).

Com isso, propunha o desenvolvimento integrado do ser humano, envolvendo os vários campos funcionais da atividade infantil: afetividade, motricidade e inteligência, tendo como premissa o estudo da criança contextualizada, em todas as suas relações como o meio.

Numa visão mais abrangente, Wallon abordou a questão das emoções, que se constituiu numa teoria, não a privilegiando em relação à inteligência, mas apontando para a relação complementar existente entre ambas.

Segundo Almeida (1994, p. 240), o antagonismo da afetividade com a inteligência ocorre exatamente pela impossibilidade de parceria, no momento de uma crise emocional.

É por essa incompatibilidade que se estabelece um jogo de alternâncias. “O apogeu da inteligência impõe à emoção um estado de latência e vice-versa” (ALMEIDA, 1994, p. 240). As experiências mostram o quanto não é possível conciliar um nível elevado de emoção com um bom desempenho da cognição.

Quando a criança vai para a escola, leva consigo todos os conhecimentos já adquiridos, bem como os prenúncios de sua vida afetiva. Estes aspectos se relacionam dialeticamente, interagindo de forma significativa sobre a afetividade do conhecimento. Com isso, a escola, bem como todos os envolvidos no exercício de promover a socialização, possui papel de grande relevância no desenvolvimento infantil.

Segundo Almeida (2001, p.14):

É evidente que a pré-escola é um espaço onde as emoções são mais frequentes e transparentes e o professor tem um papel essencial no desenvolvimento afetivo da criança. Para muitas, o afeto da professora pode significar a continuação da permanência na escola. A entrada na escola sempre é uma situação delicada e difícil, pois representa o primeiro afastamento da família, situação para a qual, freqüentemente, as crianças não estão preparadas.

No período em que a criança possui entre 3 a 6 anos de idade, ela sente uma necessidade muito forte de se apegar às pessoas. Quando impossibilitada disso, a disponibilidade que possui para a atividade do conhecimento pode se reduzir, e até mesmo, provocar consequências negativas para sua aprendizagem, uma vez que a escola está mais centrada na intervenção sobre a inteligência, cuja evolução depende da evolução da afetividade.

Segundo a perspectiva de Wallon, a vida emocional deve ser considerada por todos os seres participantes do cotidiano das pessoas. Assim, se faz “necessário que o professor conheça o fenômeno emocional para conseguir quebrar o ‘circuito perverso’, [...] em outras palavras, que conheça os seus alunos no aspecto não somente cognitivo, mas também emocional” (ALMEIDA, 2001, p. 14).

Como afirma Galvão (GALVÃO, 1996, p. 61) as emoções, assim como os sentimentos e os desejos, são manifestações da vida afetiva. [...] A afetividade é um conceito mais abrangente no qual se inserem várias manifestações.

Ainda que, para área da psicologia os conceitos de afetividade, emoção e sentimentos sejam diferentes, entre os profissionais de educação, tal percepção não está presente. De maneira geral, os

conceitos de emoção e sentimento se confundem, bem como é apontado o caráter duradouro, erroneamente, como uma qualidade da emoção.

Quando dirigiu o foco de sua pesquisa para a criança, Wallon revelou que as emoções se exercem sob o comando do sistema nervoso central, e logo possuem uma utilidade. Afirma ainda o autor que não é no meio físico que se deve buscar os significados da emoção, mas sim, na ação sobre o meio humano.

Estas emoções possuem características específicas, são elas: a Plasticidade, em que envolve a expressão corpórea (rubor na face, tremor nas mãos, etc.); a Regressividade, que representa a capacidade de reduzir seus efeitos diante da atividade cognitiva; e, a Contagiosidade, expressa pelo poder de contaminar o outro. A emoção tem papel fundamental na evolução do homem porque tem esta característica.

Conforme Galvão (1996, p.64-5):

A emoção nutre-se do efeito que causa no outro, isto é, as reações que as emoções suscitam como uma espécie de combustível para sua manifestação. [...] Em situação de crise emocional (quando o sujeito mergulha-se completamente nos efeitos da emoção e perde o controle sobre suas ações) a tendência é que os efeitos da emoção se desvançam caso não haja reações por parte do meio.

No cotidiano é possível perceber que uma elevada temperatura emocional faz baixar o desempenho intelectual, impedindo uma reflexão mais objetiva. “É como se a emoção embaçasse a percepção do real, impregnando-lhe de subjetividade e, portanto dificultando reações intelectuais coerentes e bem adaptadas” (GALVÃO, 1996, p. 66-7).

Acredita-se assim, que é possível o controle das emoções, fazendo-se necessário ao professor, ter maior clareza sobre o que é emoção, como de fato funciona, para se conseguir administra-la em si e no outro.

Saber como lidar com as situações emocionais em sala de aula, pode gerar maior segurança para o professor desenvolver suas atividades escolares.

Segundo Almeida (2001, p.15) a ausência de uma educação que aborde a emoção na sala de aula traz prejuízos para a ação pedagógica, pois suas consequências atingem não só o professor, mas também o aluno.

Além disso:

Não basta aceitar a afetividade como um aparato das relações com o conhecimento. É necessário entendê-la como uma companheira fiel da inteligência; afirmar sua ausência é desconhecer a relação afetividade-inteligência no desenvolvimento humano (ALMEIDA, 2001, p. 16)

Afetividade e inteligência evoluem ao longo do desenvolvimento: são construídas e se modificam de um período a outro, pois, à medida que o indivíduo se desenvolve, as necessidades afetivas se tornam cognitivas.

Pela grande dificuldade de interpretar as emoções, os professores se tornam mais suscetíveis ao contágio, e conseqüentemente passam a fazer parte do circuito perverso. Segundo Almeida, (1994, p. 240) o “circuito perverso” se instala quando o indivíduo não consegue reagir de forma corticalizada diante de reações emocionais alheias. O perigo de não reagir a este circuito está no fato de que uma vez instaurado, o sujeito torna-se mais vulnerável à ampliação das reações afetivas.

Para amenizar a crise emocional os professores precisam ter acesso aos mecanismos que reduzam a emoção ou os deixem menos suscetíveis a ela. A emoção necessita de platéia, e ignorar sua dramatização é uma forma de fazê-la sucumbir à razão, as crises emocionais tendem a perder a sua força.

Estudar a afetividade pode servir ao professor como um suporte necessário a sua atuação. A sala de aula é considerada pela teoria walloniana como uma grande oficina de convivência, em que o professor é o responsável pela intermediação das relações. Assim, possibilitar as relações afetivas em sala de aula é função pedagógica, e faz parte do que defendemos ser papel do professor.

Em função do que foi exposto, é importante perceber como a afetividade está presente na sala de aula, na relação entre professor e aluno. O objetivo desse trabalho é investigar se o professor de Educação Infantil da Pré-Escola (crianças de 3 a 5 anos e 11 meses) percebe as emoções em seu cotidiano na sala de aula e também como vê sua importância para o desenvolvimento da criança pequena.

METODOLOGIA

Este trabalho é fruto de uma investigação em andamento, desenvolvido por meio da abordagem da pesquisa qualitativa, que segundo Bogdan e Biklen (1982 apud MENGA, L. e ANDRÉ, M., 1986, p. 13) envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes. Além disso, podemos dizer que a pesquisa qualitativa possui um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada.

Uma das formas que a pesquisa qualitativa pode assumir é o estudo de caso, nossa opção, que visa à descoberta, permitindo que novos elementos sejam acrescentados durante o processo; enfatiza a “interpretação em contexto”; busca retratar a realidade de forma completa e profunda; usa uma variedade de fontes de informação, podendo ser coletados em diferentes momentos, em situações variadas e com uma variedade de tipos de informantes; revela experiência vicária e permite generalizações naturalísticas; procura representar os diferentes e às vezes conflitantes pontos de vista presentes numa situação social; e, utiliza uma linguagem e uma forma mais acessível do que os outros relatórios de pesquisa.

Os métodos de coleta de dados utilizados na pesquisa são: a entrevista semi-estruturada e a observação, abordados na sequência do trabalho.

- Sujeitos:

Faz parte da amostra da pesquisa três profissionais da educação: uma do berçário, uma do maternal e uma professora da pré-escola e as crianças presentes nos agrupamentos acima mencionados, pela importância de se observar tanto a relação criança-adulto como criança-criança e criança-objeto, de uma Instituição de Educação Infantil (Filantrópica), localizada na cidade de Presidente Prudente.

- Instrumentos metodológicos:

Para garantir uma proximidade maior com o objeto desta pesquisa – a afetividade na relação professor-aluno – optou-se inicialmente pela entrevista semi-estruturada como a primeira técnica de investigação. Achou-se necessário, ouvir um de seus sujeitos para conhecer suas opiniões e conceitos.

No roteiro da entrevista foram elaboradas questões abertas, que indaga a professora sobre sua função no contexto de sala de aula, os conceitos de: emoção, sentimento e afeto, e, a percepção da emoção em sala de aula. Por meio desses questionamentos, pretendeu-se desvelar se a professora identifica a emoção como elemento presente no cotidiano escolar, nas relações entre as crianças e entre ela e as crianças.

Segundo Menga e André (1986, p. 34), a grande vantagem da entrevista é que permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos. Do mesmo modo, a entrevista semi-estruturada, desenrola-se por meio de um esquema básico, não aplicado de forma rígida, possibilitando que o entrevistador faça as adaptações que se fizerem necessário.

Após a análise desses dados, será observada a atuação da professora em sala de aula, buscando verificar se ela percebe as emoções e suas manifestações.

Em relação à observação, podemos destacar, segundo Menga e André (1986, p. 26), que este método “possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado”, além do que permite que o pesquisador se aproxime da “perspectiva dos sujeitos”. Afirma ainda o autor que “na medida que o observador acompanha *in loco* as experiências diárias dos sujeitos, pode tentar apreender a sua visão do mundo, isto é, o significado que eles atribuem à realidade que os cerca e às suas próprias ações.”

Enfim, a observação possibilita a coleta de dados em momentos que seria impossível por outras formas de comunicação.

- Procedimento inicial:

O início da investigação, por meio das entrevistas, dependeu do consentimento e colaboração da professora. O acesso à escola se deu com maior facilidade pela pesquisadora trabalhar na mesma Instituição Escolar. A professora entrevistada mostrou-se bastante solícita em participar da pesquisa, se dispondo a colaborar em todos os momentos que se fizerem necessários.

Para adquirir o maior número de informações possíveis, a entrevista foi gravada, o que permitiu a entrevistadora uma maior flexibilidade na colocação dos questionamentos conforme o desenrolar da entrevista, bem como, propiciar um ambiente mais acolhedor para que ambas se sentissem mais a vontade.

- Análise preliminar dos dados:

A análise deste trabalho, por ainda estar em andamento, se concentra na professora da pré-escola, e nas crianças presentes na sala de aula em que atua.

O referencial escolhido como ferramenta para a análise dos dados da pesquisa, inclusive os iniciais provenientes da entrevista, é a teoria das emoções de Henri Wallon, que permitiu que a entrevistadora pudesse extrair pontos da fala da entrevistada que, sem o conhecimento teórico, poderiam passar despercebidos.

Os dados obtidos ainda estão sendo categorizados e analisados pela pesquisadora e sua orientadora, possibilitando somente uma parcialidade dos resultados, pois a pesquisa ainda se encontra em processo de investigação.

Até o presente momento três aspectos receberam uma atenção mais significativa, são elas: a função da professora no desenvolvimento infantil, as definições dos conceitos de emoção, sentimento e afeto, e se estes elementos estão presentes na sala de aula.

No que tange ao primeiro aspecto, em como a professora vê sua função no desenvolvimento infantil, pudemos encontrar como resposta:

“Ah, nós como ADI aqui, é... é reforçar o que o professor dá, né? Seria um reforço, né? E a parte criativa, jogos, brincadeiras.”

Almeida (1994, p.244), ao investigar a emoção e o professor, em uma de suas entrevistas pode notar que havia uma certa indefinição sobre o verdadeiro papel da professora, o que pode ser visto nos trechos a seguir:

“O papel do professor deveria ser o daquela pessoa que transmite o conteúdo mas, também que tem afeto pelas crianças. Tem que passar o conhecimento, tem que ter paciência, ser amiga, ser tia mesmo, para que os alunos aprendam. (Profa. C)

Eu acho que ele tem que ser amigo para ele chegar onde quer. Ele não só informa, como ele forma, ele educa. Eu acho que é uma figura que deve ser o máximo, ele deve ser amigo, mas também tem que ser professor. (Profa. B)”

Os dados preliminares, por meio de uma análise comparativa entre a década de 1990 em que a autora fez sua pesquisa e os dados até agora apresentados em 2009, indicam que as profissionais ainda demonstram dificuldades em responder o que seria sua função em sala de aula, além do que, para definir essa função, ora se destacam como um ser do conhecimento, ou seja, cognitivo, ora como um ser afetivo. Além disso, a entrevistada – ADI – não se vê na figura de professora.

Segundo a teoria walloniana, a sala de aula é considerada uma grande oficina de convivência, e o professor, o responsável por intermediar as relações. Possibilitar que as relações afetivas aconteçam é função pedagógica, portanto, é função do professor em sua prática educativa.

Além disso, um fato importante a ressaltar é que a criança, no início de sua vida, é emocional por excelência, o que fará com que se manifeste por meio da emoção. Cabe ao adulto, no caso o professor, por já possuir seus aspectos cognitivos/afetivos desenvolvidos, uma atitude corticalizada - atitude racional, para poder interagir com os alunos, buscando descobrir os motivos das crises e compreendê-los.

Ainda, ao se incumbir da função de mediador na construção do conhecimento, o professor deve atuar como um arguto observador, no sentido de articular, sempre que possível, os aspectos afetivo e cognitivo, ambos inseparáveis e presentes na atividade pedagógica.

Quanto ao segundo aspecto, quando solicitado à professora definir os conceitos de emoção, sentimento e afeto, a professora deixa claro que emoção e sentimentos são a mesma coisa, não conseguindo perceber uma diferenciação. Em relação ao afeto, diz ser:

“Uma coisa boa (...). É um sentimento bom que a gente procura ter pra com as outras pessoas, em relação às crianças(...)”.

A autora ao questionar as professoras sobre a possível diferença entre emoção e sentimento, pode perceber que “declaram-se impossibilitadas de diferenciá-las e até assumiram a dificuldade em fazê-lo. A tentativa de distingui-los conduzia as professoras a incorrer sobre o mesmo erro: a confusão entre emoção e sentimento” (ALMEIDA, 1994, p. 245). Fatos que podem ser observados pelos trechos transcritos abaixo:

“Diferença tem, né? Acho que sentimento é aquilo que a pessoa pensa está sentindo. Se ela está triste, se ela está contente, vai depender do momento que ela está passando. Ela pode estar passando por um momento bom, então, eu acho que ela vai ter um determinado sentimento. (Profa. A)

[Pausa] Ah! Não sei. A emoção é um sentimento. Eu acho que você sente a emoção. Você pode ter um sentimento de tristeza. (Profa. B)” (ALMEIDA, 1994, p.244).

Em relação aos conceitos de afeto, Almeida (1994, p.243) encontrou de umas das professoras a seguinte resposta:

“É uma relação muito afetuosa, eu percebo isso pelas atitudes pelos gestos carinhosos. Eu sinto que é um gostar recíproco meu e deles. Eu beijo, abraço, quando eles estão tristes; quando estão querendo ficar perto de mim, eu pego no cabelo, eu dou afeto e recebo afeto”.

Possibilitando assim, pressupor que grande parte dos profissionais da educação, talvez ainda não consigam separar emoção, sentimento e afeto, implicando diretamente nas intervenções que caberia ao professor em sala de aula, mas que pelo desconhecimento das reações emocionais típicas deste período do desenvolvimento da criança, podem dificultar ou mesmo impedir o processo de construção dos aspectos cognitivo/afetivo.

Em relação ao terceiro aspecto, se a professora da pré-escola investigada consegue perceber esses elementos (emoção, sentimento e afeto) na sala de aula, a resposta encontrada foi:

“Ah são, (...) se você não tiver nada disso (...) como trabalha?”.

Apesar de não conseguir distinguir o que significa cada elemento, já acredita que a afetividade é fundamental nas relações e na prática de sala de aula. Resta perceber que estes elementos são inseparáveis: o desenvolvimento de um depende do desenvolvimento do outro.

Vários depoimentos apresentados pela autora demonstram, assim como presente na investigação em andamento, o quanto estes elementos estão presentes na prática escolar mesmo que as professoras não tenham total percepção do fato.

“Quando eu senti medo, eu fiquei assim..., não consegui fazer mais nada, fiquei parada. (Profa. D)

Fiquei feliz. Ah! Não sei, é isso... (Profa. C)

Eles estavam alegres, eu vi pela carinha dele, pulando, mostrando para os amigos, para os pais na hora da saída. (Profa. D)

Eu tenho uma criança que tem o dom de me irritar. Eu não sei se é pra chamar à atenção, porque ela me chama muito durante as atividades. Tudo que ela faz, ela mostra, ela quer que eu veja. Ela me chama, digo já vou, aí eu vou lá, mais tarde ela torna a chamar. Eu fico impaciente, chego a ficar irritada com ela. (Profa. F)" (ALMEIDA, 1994, p.246)

Para as professoras, expressar afeto, "significava necessariamente beijar, abraçar, segurar a mão, enfim, demonstrar carinho. O afeto na sala de aula ainda estava muito ligado ao contato físico, à proximidade corporal" (ALMEIDA, 1994, p. 245).

Segundo Wallon (1986), "São as relações afetivas, com o meio humano que, desde o início da vida, começam a dominar o comportamento". A escola é responsável por promover o desenvolvimento da personalidade de criança. E isso significa ultrapassar o mero provimento das usuais funções intelectuais, neste espaço as relações afetivas se evidenciam, pois a transmissão do conhecimento implica, necessariamente, numa interação entre pessoas.

Assim, se todas as pessoas são socialmente afetivas, e essa afetividade está presente em todas as relações, não há como negar que a afetividade, e a emoção como elemento dela, está presente no meio escolar.

Conforme os demais dados forem categorizados e analisados pela pesquisadora, os resultados, parciais ou finais, serão divulgados.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Segundo as análises realizadas até o presente momento, podemos considerar que se faz necessário que o professor investigue, estude de maneira significativa as emoções em todos os seus aspectos, para que compreenda mais claramente o contexto em sala de aula.

É imprescindível perceber que não há uma separação entre a inteligência e a afetividade, e que por meio de alternâncias, um fator se destaca mais que o outro, momentaneamente, sem que ambos deixem de se interligar, de estarem presentes.

Além disso, é de grande importância que o professor compreenda suas reais funções em sua prática educativa, não se limitando somente em desenvolver um dos aspectos funcionais da criança.

Somos seres socialmente afetivos, com isso, a afetividade faz parte de todas as relações humanas. Na relação professor-aluno, uma relação de pessoa para pessoa, o AFETO não há como não estar presente.

Se faz necessário conhecer e diferenciar as manifestações da afetividade (emoção, sentimento, afeto e desejos), para que se possa intervir com coerência a cada circunstância, sem muitos prejuízos tanto ao professor quanto ao aluno.

Portanto, o que os dados estão apontando até o presente momento, é que a escola de fato desconhece as relações entre os aspectos: afetivo, motor, pessoal e cognitivo, e, que até percebe as emoções em seu cotidiano escolar, porém, ainda não consegue ter uma percepção sobre sua importância para o desenvolvimento da criança pequena.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A. R. S. *A emoção na sala de aula*. Campinas, SP. 2. ed. Papirus, 2001.

ALMEIDA, A. R. S. *A emoção e o professor: um estudo à Luz de Henri Wallon*. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC. São Paulo, 1994.

GALVÃO, I. *Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil*. Petrópolis, RJ. 3. ed. Vozes, 1996.

MENGA, L. e ANDRÉ, M. Abordagens qualitativas de pesquisa: a pesquisa etnográfica e o estudo de caso. In: MENGA, L. e ANDRÉ, M. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1986.

_____. Métodos de coleta de dados: observação, entrevista e análise documental. In: MENGA, L. e ANDRÉ, M. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1986.